

CONFERÊNCIA DO CLIMA

Missão da pré-COP30 é multilateralismo forte

Evento preparatório discute avanços e propostas para concretização de acordos climáticos

» RAFAELA GONÇALVES
» FERNANDA STRICKLAND

O primeiro dia da Pré-COP, na reunião ministerial preparatória para a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), realizada ontem em Brasília, foi marcado pelo apelo ao fortalecimento do multilateralismo e pela defesa de avanços concretos na implementação dos acordos climáticos. O presidente em exercício, Geraldo Alckmin, destacou os pilares que devem orientar as negociações do encontro em Belém, no próximo mês, e defendeu uma transição energética e ambiental pautada pela ética, pela cooperação internacional e por resultados concretos.

A presidência brasileira da COP30 propôs três objetivos centrais para o evento: “reforçar o multilateralismo e o regime de mudanças do clima no ano da Convenção-Quadro das Nações Unidas (sobre a Mudança do Clima); conectar o regime climático à vida real das pessoas; e acelerar a implementação do Acordo de Paris por meio do estímulo a ações e ajustes estruturais em todas as instituições que possam contribuir para isso”.

No discurso, Alckmin reafirmou o compromisso do Brasil com as metas climáticas estabelecidas internacionalmente. Ele lembrou que as Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs, na sigla em inglês) são o núcleo dos esforços globais para limitar o aquecimento a 1,5°C. “A apresentação pelos governos de NDCs alinhadas ao objetivo de até 1,5 grau do Acordo de Paris é sinal decisivo de seu compromisso com o combate à mudança do clima e o reforço do multilateralismo”, ressaltou.

Alckmin recordou que o país apresentou sua nova meta na COP29, em Baku, que determina compromisso de reduzir as emissões líquidas de gases de efeito estufa no país de 59% a 67% até 2035, em comparação aos níveis de 2005. Segundo ele, o plano é “ousado, mas realista”, combinando “crescimento econômico, transição energética e proteção de florestas”.

O secretário-executivo da Convenção-Quadro (UNFCCC, na sigla em inglês), Simon Stiell, destacou o que a COP30 precisa entregar para o sucesso das negociações climáticas. Em sua fala de abertura, afirmou que o evento deve “responder

Ed Alves/CB/D.A Press



Projeção no Museu da República, e em oito cidades, cobra compromissos a serem assumidos pela COP30



Não há a menor dúvida: o multilateralismo foi mencionado por todos. O tema da adaptação recebeu grande ênfase, desde países ricos até pequenas ilhas e nações de médio porte”

Embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30

de forma clara e firme aos dados e à ciência mais recentes” e mostrar que o multilateralismo climático continua produzindo resultados.

“Não há a menor dúvida: o multilateralismo foi mencionado por todos. O tema da adaptação recebeu grande ênfase, desde países ricos até pequenas ilhas e nações de médio porte”, destacou o

embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, em conversa com jornalistas após a primeira rodada de reuniões.

Entre os temas mais debatidos, o balanço geral das NDCs — compromissos climáticos assumidos para reduzir emissões e adaptá-los aos impactos das mudanças climáticas — e a lacuna de ambição também tiveram destaque. “Muita gente reforçou a importância do balanço geral e do direcionamento de todos nós em relação ao balanço de Dubai. É um tema complexo, porque envolve colocar o balanço global dentro das NDCs”, comentou Corrêa do Lago.

O financiamento climático segue como pauta central, com os países menos desenvolvidos e de economia menor continuam demandando mais recursos. Segundo o embaixador, no primeiro momento, houve alguma sinalização positiva de países ricos. “Mas isso é declaratório, sem compromisso de valor”, explicou.

Uma reunião bilateral entre o diplomata brasileiro e o comissário da União Europeia (UE) para o clima, Wopke Hoekstra, está marcada para hoje. De acordo com Corrêa do Lago, o objetivo é garantir que a COP avance nas negociações,

criando um ambiente favorável para as tratativas entre os delegados da conferência.

Sobre a ausência da delegação americana, o presidente da conferência reiterou o convite feito pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Donald Trump. “Da nossa parte, é sempre importante dizer o quanto estamos convidando a todos. Esta é uma COP aberta para todos e todos serão bem-vindos”, reforçou.

A diretora executiva da COP30, Ana Toni, destacou ainda a inclusão de representantes da sociedade civil. “Essa característica da COP30, que foi muito debatida, é a inclusão e a implementação. Acho que ficou muito claro na fala de todo mundo, marcando e percebendo o legado da COP 30 de implementação e inclusão, com o espírito do mutirão no combate à mudança do clima”, enfatizou.

Em paralelo à Pré-COP30, uma ação em oito cidades reforçou o apelo aos negociadores dos países participantes do evento para que ratificaram o Acordo de Paris. Foram realizadas projeções, ontem à noite, em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Alter do Chão/Santarem (PA) e Patos (PB).

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Acordo tem troca de reféns por prisioneiros e futuro incerto

O que presidente Donald Trump quereria dizer, ao discursar no Parlamento israelense, ontem, que Benjamin Netanyahu foi o melhor presidente que Israel já teve para a guerra, enaltecendo sua atuação contra o Hamas e o Irã, mas sem dizer que poderia sê-lo também para o futuro? Com certeza, não gostou de saber que seu colega não iria mais à “cúpula da paz em Gaza”, na cidade egípcia de Sharm El-Sheik, organizada no Egito, para assinatura do Acordo de Paz entre Israel e o Hamas, com a qual havia se comprometido a comparecer.

São notícias de um cessar-fogo no qual os últimos reféns israelenses vivos foram trocados por quase 2 mil prisioneiros palestinos, o que sinaliza uma alteração na conjuntura no Oriente Médio, em razão da posição de Trump, que mudou pelo fato de Israel ter bombardeado o Catar, aliado importante dos Estados Unidos no Oriente Médio e interlocutor privilegiado dos chefes do Hamas. Nos bastidores, sabe-se que o episódio levou Trump a dar um ultimato a Netanyahu, no Salão Oval da Casa Branca, para acabar com a guerra, na recente visita do presidente israelense a Washington.

A trégua entre Israel e o Hamas segue o mesmo roteiro da anterior, em maio deste ano, que sustou as hostilidades para uma troca de reféns por prisioneiros, logo seguida de uma escalada ainda maior da guerra de Gaza. O fato novo é o envolvimento direto de líderes do Oriente Médio e da Europa na discussão e execução das próximas etapas do acordo. O documento foi assinado por Trump e pelos presidentes Abdul al-Sisi (Egito) e Recep Tayyip Erdogan (Turquia), o emir Tamim bin Hamad Al Thani (Catar) e de Mahmoud Abbas, o presidente da Autoridade Palestina.

Também participaram da reunião a premiê da Itália, Giorgia Meloni; o premiê do Reino Unido, Keir Starmer; e o presidente da França, Emmanuel Macron. Entretanto, Israel e o Hamas não compareceram, o que demonstra um futuro ainda incerto para Gaza. O acordo prevê o fim da guerra; o estabelecimento de condições para paz duradoura no Oriente Médio; e a implantação de um conselho que para supervisionar Gaza no primeiro momento do pós-guerra.

Outros detalhes continuavam vagos, caso do desarmamento do Hamas, que ontem mesmo demonstrou que ainda tem o controle de Gaza, apesar das baixas que sofreu, ao entregar ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) os 20 reféns vivos, divididos em dois grupos. Voltaram para casa Eitan Mor, Gali Berman, Ziv Berman, Omri Miran, Alon Ohel, Guy Gilboa-Dalal, Matan Angrest, Bar Kupershtein, Evyatar David, Yosef-Chaim Ohana, Segev Kalfon, Avinatan Or, Elkana Bohbot, Maxim Herkin, Nimrod Cohen, Matan Zangauker, David Cunio, Eitan Horn, Rom Braslaski e Ariel Cunio.

Impasses

O cessar-fogo prevê, também, a entrega dos restos mortais de 28 israelenses, mas apenas quatro foram efetivados. O Hamas alegou que ainda não conseguiu localizá-los. Em troca, Israel libertou 1.968 prisioneiros, incluindo 15 menores de idade. Marwan Barghouti e Ahmad Saadat, importantes líderes palestinos, condenados à prisão perpétua, não foram soltos. Antes da liberação dos reféns, as tropas israelenses se retiraram até uma linha que as deixou em controle de 53% da Faixa de Gaza, conforme acertado no acordo.

Uma força multinacional de 200 soldados, supervisionada pelo Exército dos Estados Unidos, acompanhará o cessar-fogo. Acredita-se que esta força inclua militares do Egito, do Catar, da Turquia e dos Emirados Árabes Unidos. Com 20 pontos, o plano afirma que, se as duas partes concordarem, a guerra “terminará imediatamente”. Destaca que a Faixa de Gaza será desmilitarizada e “toda a infraestrutura militar, terrorista e ofensiva” será destruída. Gaza será governada por um comitê temporário de transição, composto por tecnocratas palestinos. Eles serão supervisionados por um “Comitê da Paz”, chefiado por Trump como presidente, com a participação do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair.

O governo do território será eventualmente entregue para a Autoridade Palestina, que administra a Cisjordânia, após passar por reformas. O Hamas administra a Faixa de Gaza desde 2007 e não terá participação no futuro governo, seja direta ou indiretamente, segundo o plano. Os membros do Hamas receberão anistia, caso se comprometam com a coexistência pacífica, ou receberão passagem livre para outro país. Nenhum palestino será forçado a deixar a Faixa de Gaza e aqueles que desejarem sair serão livres para retornar. Um painel de especialistas criará um “plano de desenvolvimento econômico de Trump para reconstruir e energizar Gaza”.

Quais são os principais obstáculos? O Hamas se recusa a depor suas armas antes do estabelecimento de um Estado Palestino. O Netanyahu não aceita nem a presença da Autoridade Palestina na Faixa de Gaza após a guerra. O Hamas também declarou que espera ter alguma participação futura em Gaza, como parte de “um movimento palestino unificado”.

Israel afirma que sua primeira retirada fará com que o país mantenha o controle de cerca de 53% da Faixa de Gaza. E o plano da Casa Branca indica novas retiradas, até cerca de 40%, e, em seguida, 15%. A etapa final seria um “perímetro de segurança”, que “permanecerá até que Gaza tenha segurança adequada contra qualquer ressurgimento da ameaça terrorista”.

A profecia do falecido historiador britânico-judeu Tony Judt, num artigo intitulado *O que fazer?*, em 2009, é mais atual do que nunca. Sem a solução do Estado Palestino, Israel viverá um drama existencial: continuar sendo um Estado judeu, com um regime de apartheid, e deixar de ser uma democracia liberal; ou se tornar uma democracia multiétnica e deixar de ser um Estado judeu, com a anexação dos territórios palestinos ocupados. A terceira opção seria empurrar os palestinos de Gaza para o deserto do Sinai e promover uma limpeza étnica nos territórios ocupados da Cisjordânia.

Estratégias de financiamento

O encontro preparatório para a COP30, que prossegue hoje, reúne os quatro grupos de trabalho criados pela presidência da conferência para orientar a implementação de ações climáticas. Após a abertura oficial, os líderes de cada Círculo da Presidência apresentaram um balanço das iniciativas já realizadas. Esses grupos temáticos têm como objetivo mobilizar atores públicos, privados, comunitários e internacionais em torno de ações concretas para enfrentar os desafios climáticos.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que lidera o Círculo de Ministros de Finanças, apresentou três estratégias que serão levadas à conferência em novembro: o Fundo Florestas Tropicais para Sempre, que propõe um modelo de financiamento baseado em investimento, e não apenas em doações; a Coalizão Aberta para Integração dos Mercados de Carbono, voltada à harmonização dos mercados regulados; e a Supertaxonomia, que busca garantir comparabilidade e integridade entre as **taxonomias nacionais**.

A meta de financiamento climático estabelecida para a COP30 é de US\$ 1,3 trilhão, destinada a mobilizar recursos públicos e privados para apoiar ações de mitigação, adaptação e transição justa

O que é taxonomia

Aplicado às questões climáticas, o conceito de taxonomia é um sistema de classificação que define o que é considerado um investimento sustentável ou ecologicamente correto. É um conjunto de regras e critérios para direcionar o capital para atividades que contribuem para os objetivos climáticos e ambientais.

nos países em desenvolvimento.

Entre as prioridades apresentadas por Haddad, estão aumentar fluxos de financiamento concessional, reformar bancos multilaterais, fortalecer capacidades domésticas, promover inovação financeira e aprimorar marcos regulatórios.

O francês Laurent Fabius, presidente da COP21 — realizada em 2015, em Paris — e líder do Círculo dos Presidentes, que reúne pela primeira vez os presidentes de COPs anteriores, destacou o papel do grupo na apresentação de soluções para acelerar a implementação do Acordo de Paris e fortalecer o multilateralismo e a governança climática global. Em vídeo, ressaltou que todos os países continuam

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



Haddad e Corrêa do Lago: atuação afinada para avanços na área climática

promovendo ações alinhadas ao tratado, considerado um dos mais importantes para o clima.

A ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, representou o Círculo do Balanço Ético Global (BEG). Inspirado no Balanço Global do Acordo de Paris, o grupo busca integrar valores éticos às decisões políticas sobre a crise climática. “A ética é, sobretudo, um de seus principais fundamentos. A ética é o que dá sentido à ação. É o que nos lembra que enfrentar a emergência climática é

também enfrentar uma crise moral e civilizatória”, disse.

A ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, apresentou o balanço do Círculo dos Povos. Segundo ela, a COP30 terá a maior participação indígena na história, com a maior delegação credenciada na zona azul. Ela observou que o encontro deve trazer soluções que “reconheçam os territórios como sumidouros de carbono e incorporar a realidade dos povos indígenas e das comunidades locais”. **(RG e FS)**